
Desenho

do desenvolvimento à
avaliação terapêutica



Manual de apoio à aprendizagem nº 2

Ana Isabel Ferreira

2021

Título: Desenho – do desenvolvimento à avaliação terapêutica

Manual de apoio à aprendizagem nº 2

Autor: Ana Isabel Ferreira

Autor do desenho de capa: Lara Ferreira

Ano: 2021

Cidade: Beja

ISBN: 978-989-53410-1-6

Nota introdutória

O manual “Desenho – do desenvolvimento à avaliação terapêutica” apresenta a avaliação do desenho seguindo uma perspectiva do desenvolvimento, identificando metodologias e estratégias a utilizar. O documento foi construído a pensar no percurso de aprendizagem dos alunos do 1º ciclo do ensino superior, nomeadamente do curso de licenciatura em Terapia Ocupacional. Pode também ser útil a profissionais que pretendam estruturar o conhecimento neste domínio.

O desenho é uma das primeiras formas de expressão gráfica, revestindo-se por isso de particular importância. Reflete competências, vivências e não raras vezes o diálogo interno, nem sempre fácil de transpor para palavras. É influenciado por múltiplos fatores, nomeadamente práticos, cognitivos e emocionais. Uma avaliação sistemática e completa do desenho deve incluir os vários domínios anteriormente referenciados, contribuindo desse modo para uma compreensão ampliada da criança.

... O desenho

A utilização do desenho como fonte de recolha de informação é um procedimento avaliativo realizado, há várias décadas, por diferentes áreas profissionais. A Terapia Ocupacional, particularmente na sua intervenção no domínio da pediatria, não é exceção. Contudo, durante a avaliação podem seguir-se diferentes orientações, o que muitas vezes influencia os resultados obtidos.

Neste contexto apresentam-se algumas diretrizes que pretendem contribuir para estruturar a observação do desenho e torná-la mais fidedigna.

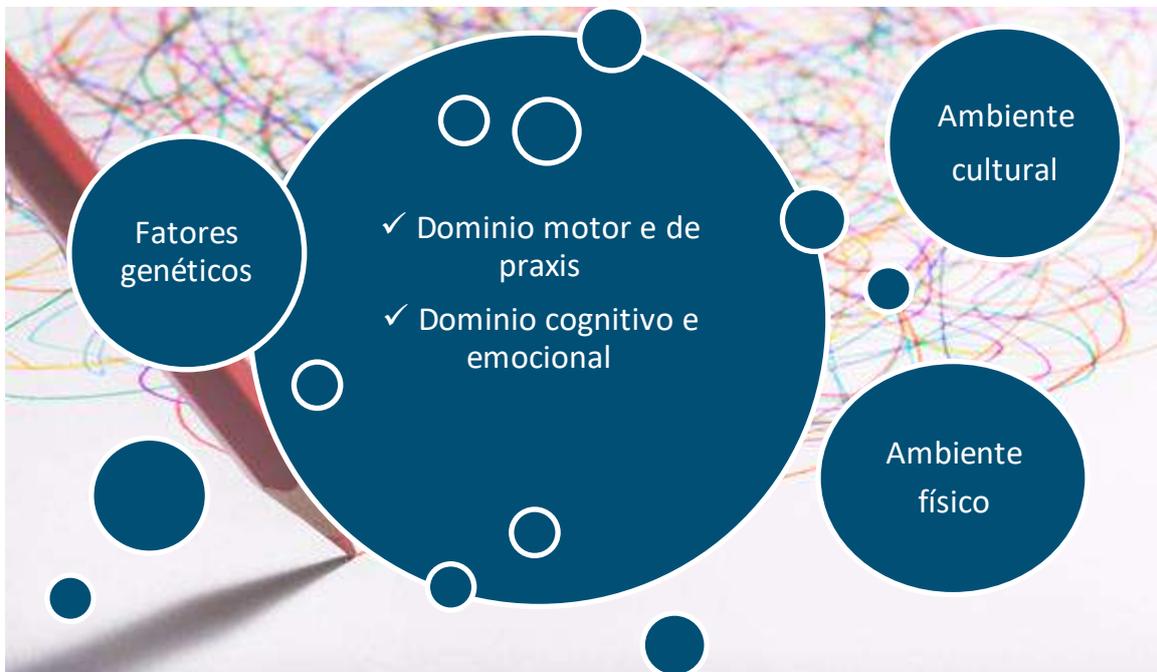
Respeitando as idiosincrasias próprias de cada criança sugere-se a utilização de duas esferas de análise para a avaliação do desenho:



Figura 1 – Desenho típico de uma criança em idade escolar (fonte: imagem do office)

- domínio motor e de praxis evidenciados ao longo da execução da atividade;
- domínio cognitivo e emocional evidenciado nos conteúdos apresentados no desenho.

Estas duas áreas influenciam-se mutuamente pois o desempenho da criança resulta da interação entre elas, sendo também influenciado por fatores genéticos, do ambiente físico e cultural.



Esquema 1 – Possíveis fatores de influência no desenho

O desenho pode ser realizado espontaneamente ou a pedido do adulto. Em qualquer das situações o mais importante não é a qualidade gráfica do mesmo, no sentido fotográfico do “objeto”, mas antes as alterações ou deformidades provenientes das projeções inerentes ao mundo interno da criança, as quais vão refletir-se no objeto externo (Fialho, 2019).

Na perspetiva da avaliação é recomendável que a instrução seja dada pelo terapeuta que acompanha a realização do desenho. É necessário que a instrução seja transmitida de forma clara e objetiva pois vai influenciar diretamente a produção gráfica da criança. Da mesma forma é recomendável que o profissional assista à realização do desenho, para que através da observação direta provocada possa avaliar vários itens nomeadamente os relacionados com o domínio motor e de praxis.

... Domínio motor e de praxis

Para caracterizar o domínio motor e de praxis é necessário recorrer à observação direta. Esta deve incluir a observação de funções relacionadas com o controlo postural, coordenação bilateral e motricidade fina, tal como apresentado no esquema 2.

CONTROLO POSTURAL NA POSIÇÃO DE SENTADO

A posição adotada à secretária pode condicionar o desempenho. O alinhamento do tronco face à secretária, o posicionamento da cintura pélvica e dos membros inferiores, bem como o apoio destes no chão podem influenciar a qualidade do desenho. É relevante averiguar se a criança mantém a postura ao longo do desenho e a posição da folha (Pollock et al., 2012) ou se tem necessidade de fazer ajustes frequentes.

O desenvolvimento da coordenação olho -mão inicia-se muito cedo, nomeadamente quando o bebé começa a explorar o movimento das mãos e as observa na linha média. A partir dessa fase o seu amadurecimento é contínuo tendo a coordenação olho mão um forte impacto na qualidade do desenho.

COORDENAÇÃO OLHO - MÃO

DOMINÂNCIA MANUAL

Em crianças mais pequenas, em torno dos 2 anos, é comum observar-se o uso indiferenciado das duas mãos para mais tarde se observar uma progressiva preferência manual. Esta define-se ao longo do desenvolvimento e é expectável que entre os 5 – 6 anos de idade (Faria, 2001) a criança tenha a dominância manual estabelecida.

Para além da ação da mão dominante (ou “preferida”, dependendo da idade e maturidade da criança) é importante perceber como são usados os dois membros superiores durante o desenho, nomeadamente se o membro superior não dominante é utilizado pela criança para estabilizar a folha ou afiar o lápis.

INTEGRAÇÃO BILATERAL

DISSOCIAÇÃO E FLUIDEZ DO MOVIMENTO

O tipo de movimento (em bloco ou dissociado) indica o nível da proficiência motora da criança. Neste sentido é necessário observar os segmentos corporais mais envolvidos na ação e verificar se demonstram, ou não, tensão. Durante o desenho é também importante observar se a criança dissocia o movimento do ombro do movimento do antebraço e deste com os dedos.

São movimentos que surgem associados a momentos de tensão / maior exigência e demonstram imaturidade na realização de uma tarefa. São muito frequentes na região oral, evidenciando-se através do morder, friccionar os lábios ou a língua. Tendem a diminuir em frequência e intensidade ao longo do desenvolvimento, refletindo a maior maturação do sistema nervoso.

REAÇÕES ASSOCIADAS

SINAIS DE HIPERCINÉSIA

Algumas crianças demonstram excesso de movimento, por exemplo balançando os membros inferiores ou o tronco, durante a realização do desenho. Nestas situações devem registar-se os momentos em que surge esse comportamento e se a criança consegue, ou não, voltar à realização do desenho. É igualmente de observar se existem, ou não, fatores do ambiente (alto nível de som, presença de pessoas que contribuem para causar distração) que possam estar na base desse excesso de movimento.

Para a qualidade final do desenho também a destreza manual e as preensões são determinantes.

Destreza manual, preensões e desenho



A destreza apresentada no manuseio das ferramentas do desenho está diretamente relacionada com o desenvolvimento prático sendo necessário que esta decorra de modo saudável. Vários investigadores têm estudado a evolução das competências de manipulação e é necessário conhecer a sua evolução para perceber que algumas das alterações da motricidade detetadas na idade pré-escolar têm a sua origem nos 1^{os} meses de vida.

Embora, nem sempre pais e profissionais deem particular relevância à **preensão** a verdade é que ela se desenvolve sequencialmente desde os primeiros meses de vida. Neste contexto um bebé aos 6 meses de idade realiza uma preensão palmar global enquanto aos 8 meses esperamos que inicie a pinça fina, estando esta completamente integrada aos 12 meses de idade, tal como visualizado na figura 2.

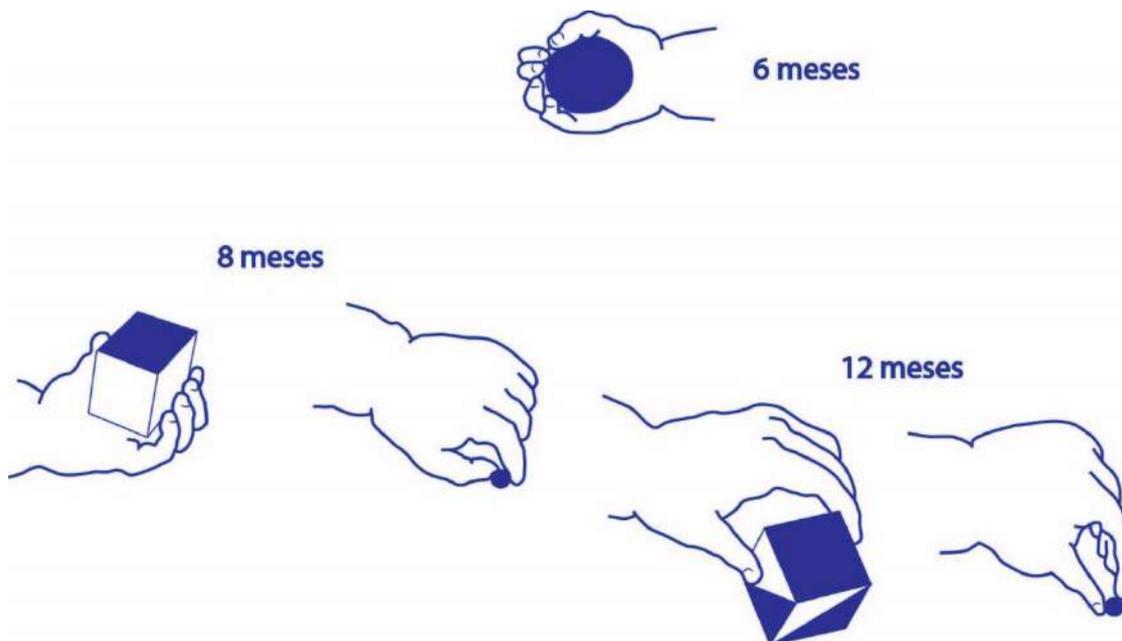
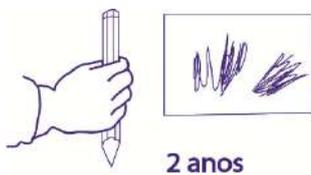
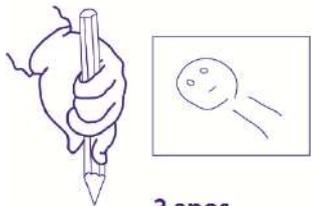


Figura 2 – Evolução da capacidade de manipulação dos objetos (com base em Brito Avô, 2000)

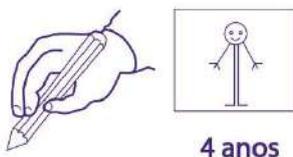
A evolução da manipulação dos objetos influencia a preensão do lápis, podendo aqui encontrar-se preensões muito diferentes, que dependem não só do estadió de evolução da criança, mas também de fatores como sejam o material disponível ou o nível de cansaço da criança.



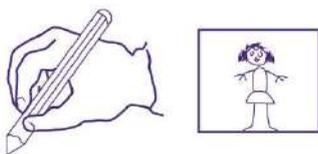
2 anos



3 anos



4 anos



5 anos

Figura 3 – Evolução da capacidade grafo motora (baseado em Brito Avô, 2000)

Existem variadíssimas classificações para a preensão. Seguindo a taxonomia proposta pelo Pediatra Brito Avô, a criança aos 2 anos realiza uma preensão palmar global, produzindo ao nível do desenho o rabisco. Nesta fase inicial do desenho a criança reconhece uma ligação causal entre o traço e o seu gesto, iniciando a longa aprendizagem que, em simultâneo com o desenvolvimento motor, levará a criança a disciplinar o seu gesto (Fialho, 2019). Seguindo o desenvolvimento a criança de 5 anos de idade apresenta já uma preensão em tríade e faz habitualmente a representação da figura humana com várias características diferenciadoras, como os membros e pormenores no rosto. É interessante perceber que a evolução ao nível da preensão é acompanhada de uma modificação significativa do desenho, sendo esta também resultado das competências perceptivas, cognitivas e emocionais motivo pelo qual são descritas mais à frente neste manual.

Ao nível das preensões é favorável que o ambiente físico disponibilize materiais e experiências diversas como a possibilidade de utilizar materiais de desenho diversificados (lápiz de cor de diferentes formas, lápis de cera, marcadores, entre outras) e possibilidade de escrever em vários planos e superfícies. Seguindo a classificação das preensões sabemos que existem diferentes taxonomias podendo ser utilizadas em crianças de idade escolar e sendo extensíveis para a idade adulta. A classificação proposta pelas terapeutas ocupacionais Hartingsveldt e Vries (2019) da *Amsterdam University of Applied Sciences* apresenta uma distinção entre pegadas típicas (preensões dinâmicas e estáticas) e pegadas imaturas, tal como apresentado no diagrama n. 1 e n. 2

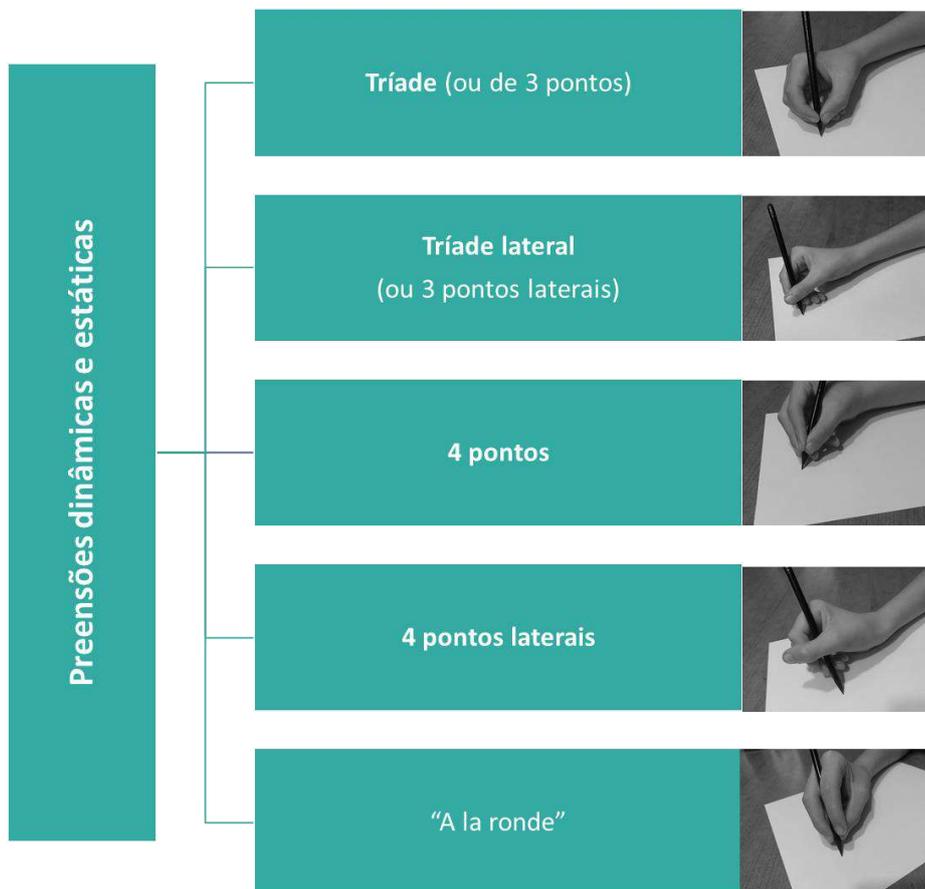


Diagrama 1 –Tipos de preensão, estática e dinâmica, baseado na classificação de Hartingsveldt e Vries (2019)

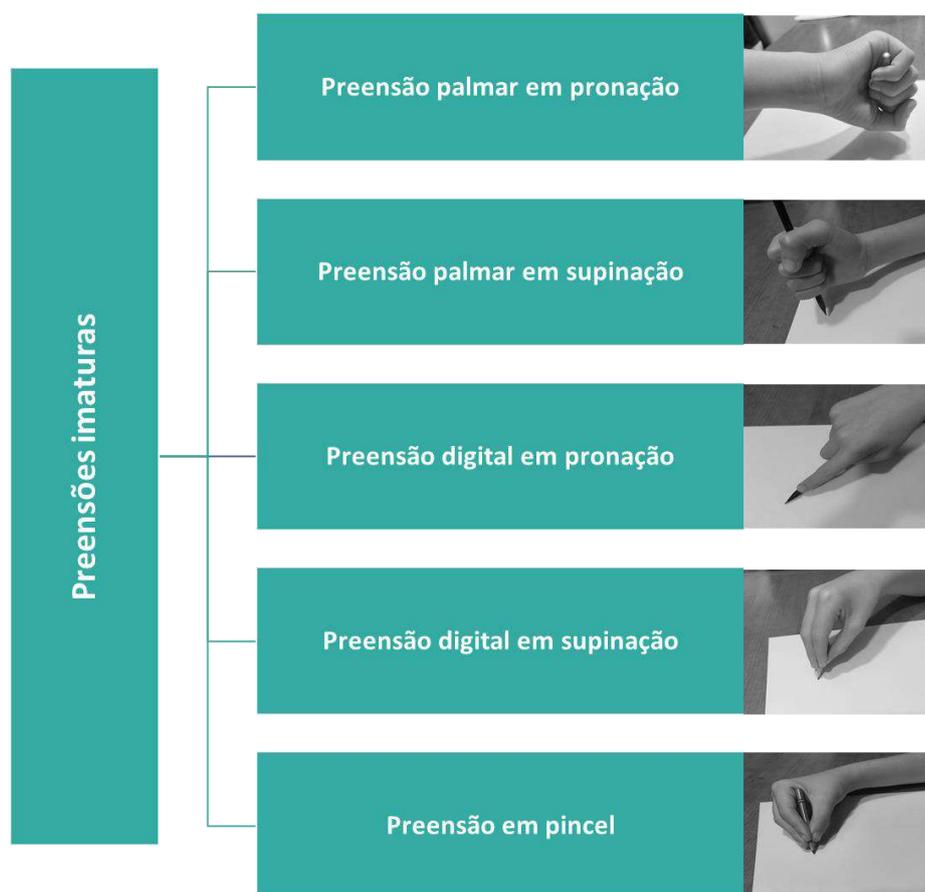


Diagrama 2 –Tipos de preensão imaturas, baseado na classificação de Hartingsveldt e Vries (2019)

O tipo de preensão utilizado pela criança influencia diretamente a **qualidade do traçado e do preenchimento do desenho**. Neste sentido quando o avaliamos é necessário caracterizar:

- precisão;
- (des)continuidade no traçado;
- força demonstrada;
- velocidade de realização;
- adequação do preenchimento;
- respeito pelos limites do desenho.

Para avaliar estas características para além da análise do produto final é também necessária uma observação sistemática ao longo da realização do próprio desenho.

Como anteriormente referido, as características do traçado são influenciadas por aspetos motores e práticos. De igual forma, também o funcionamento emocional e cognitivo têm um forte impacto sobre o conteúdo do desenho, sendo por isso abordados de seguida.

... Domínio cognitivo e emocional

Para a análise do desenho é necessária a caracterização do conteúdo apresentado ao nível perceptivo, cognitivo e emocional. Entre os 4-5 anos a criança começa a desenhar com intenção de representar um objeto, uma opção ou um acontecimento (Case-Simth, 2015). Utiliza diferentes formas e tamanhos e embora possa existir algum desajuste, são evidentes também as semelhanças com o que pretendem representar.

Na linha preceptiva é notória a relação entre a evolução do desenho e o domínio do espaço e do próprio corpo. À medida que a criança cresce é expectável uma maior organização do desenho na folha, através do posicionamento dos vários elementos no “chão” ou no “topo” de acordo com o que acontece no mundo real.

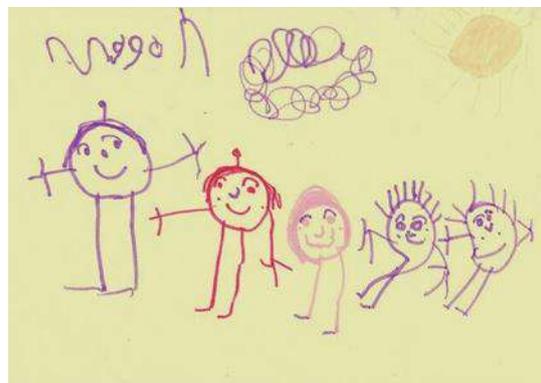


Figura 4 – desenho tipo no início da idade escolar (fonte google free)

De igual forma a proporção do tamanho entre os vários elementos e as relações espaciais existentes entre eles deve ser observada e analisada. Neste sentido, num desenho da família é expectável que os pais sejam representados com dimensões maiores, comparativamente aos filhos. Seguindo o mesmo raciocínio quando analisamos a figura humana espera-se que os vários segmentos sejam representados de forma proporcional comparativamente às dimensões típicas, principalmente em crianças em idade escolar.

Em crianças mais velhas, já em idade escolar é possível observar-se a introdução da noção de profundidade no desenho e em algumas situações a noção de esquerda / direita e cima/ baixo, tal como acontece na escrita manual.

Durante a avaliação é recomendável que o terapeuta assista à realização do desenho e não se limite a apreciar o produto final, principalmente com adjetivações como “está bonito” ou “está feio”. É evidente que não se ensina uma criança a desenhar, devemos antes estar atentos para descobrir aquilo que a criança representa através das formas que desenha (Fialho, 2019). Não raras vezes a criança tem perceção dos vários elementos que pretende representar, da sua relação ao nível espacial e dimensional, porém não as consegue desenhar corretamente por dificuldades práxicas ou simplesmente porque esta é uma atividade para a qual não tem particular apetência. Nestas situações a avaliação do desempenho deve levar esses fatores em consideração sendo útil o terapeuta perguntar subtilmente o motivo das dimensões e relação espacial entre os elementos representados.

Quando já são utilizadas cores no desenho deve observar-se a sua ligação aos elementos reais, a diversidade de cores utilizadas, bem como a pressão e orientação evidenciada no traçado.

Sistematizando, no que respeita às características dos conteúdos gráficos deve caracterizar-se:

- relações espaciais dos diferentes elementos representados;
- precisão do traçado;
- força do traçado;
- cores utilizadas e sequência da sua utilização;
- preenchimento dos desenhos (adequado? Quando é desadequado observa-se algum padrão específico?)
- tipo de elementos presentes no desenho é adequado para a faixa etária da criança?

Os mais atentos perceberão que existem aqui características gráficas enumeradas já indicadas anteriormente no âmbito da destreza manual e tal não é de estranhar se considerarmos que o desenho resulta da interação dinâmica entre o domínio motor e de praxis e o domínio cognitivo e emocional.

A evolução do desenho segue, na maioria das culturas, uma sequência típica. Autores da área psicanalítica encaram o desenho essencialmente como um ato projetivo e advogam que o seu desenvolvimento passa por 3 fases distintas:

- garatuja;
- realismo infantil;
- realismo visual.

Na garatuja a criança traça formas ao acaso sobre uma superfície, sem procurar dar-lhes um significado (Fialho, 2019). Não existe assim intenção de representar um objeto ou situação.

Mais tarde, no realismo infantil, há já um maior controlo sobre o traçado, porém existe ainda diferença entre a intenção do desenho e as capacidades gráficas, o que leva a falhas na execução. Nesta fase a criança recorre por vezes a esquemas gráficos para significar a realidade exterior (Papalia et al., 2001). Com o início da idade escolar a criança começa a ter já capacidades para desenhar o objeto tal como o vê, surgindo também a noção de perspetiva.

O **auto-retrato** é um dos desenhos mais frequentes ao longo de toda a infância. É realizado espontaneamente desde muito cedo e é também muitas vezes sugerido por pais, familiares e educadores. Quando o avaliamos devemos observar:

- qual a fase de representação (garatuja, realismo infantil,.....);
- dimensões com que se representa;
- relação entre os vários segmentos do corpo (particularmente importante quando a criança tem alguma alteração física);
- expressão facial representada no auto-retrato;
- investimento que faz na representação da sua própria imagem.

A representação do próprio está relacionada, de entre outros, com a consciência corporal e com a auto – imagem. Assim e tal como observado na figura 5, nos primeiros anos de vida a criança tende a representar a figura humana de forma muito elementar, em que a partir de um círculo imperfeito saem linhas representando os membros. À medida que decorre a exploração do meio ambiente e do próprio corpo também a consciência corporal se desenvolve, o que se reflete num desenho da figura humana mais diferenciado entre cabeça, tronco e membros podendo haver na face elementos como os olhos, a boca e a representação de pés e mãos nas extremidades distais dos membros.

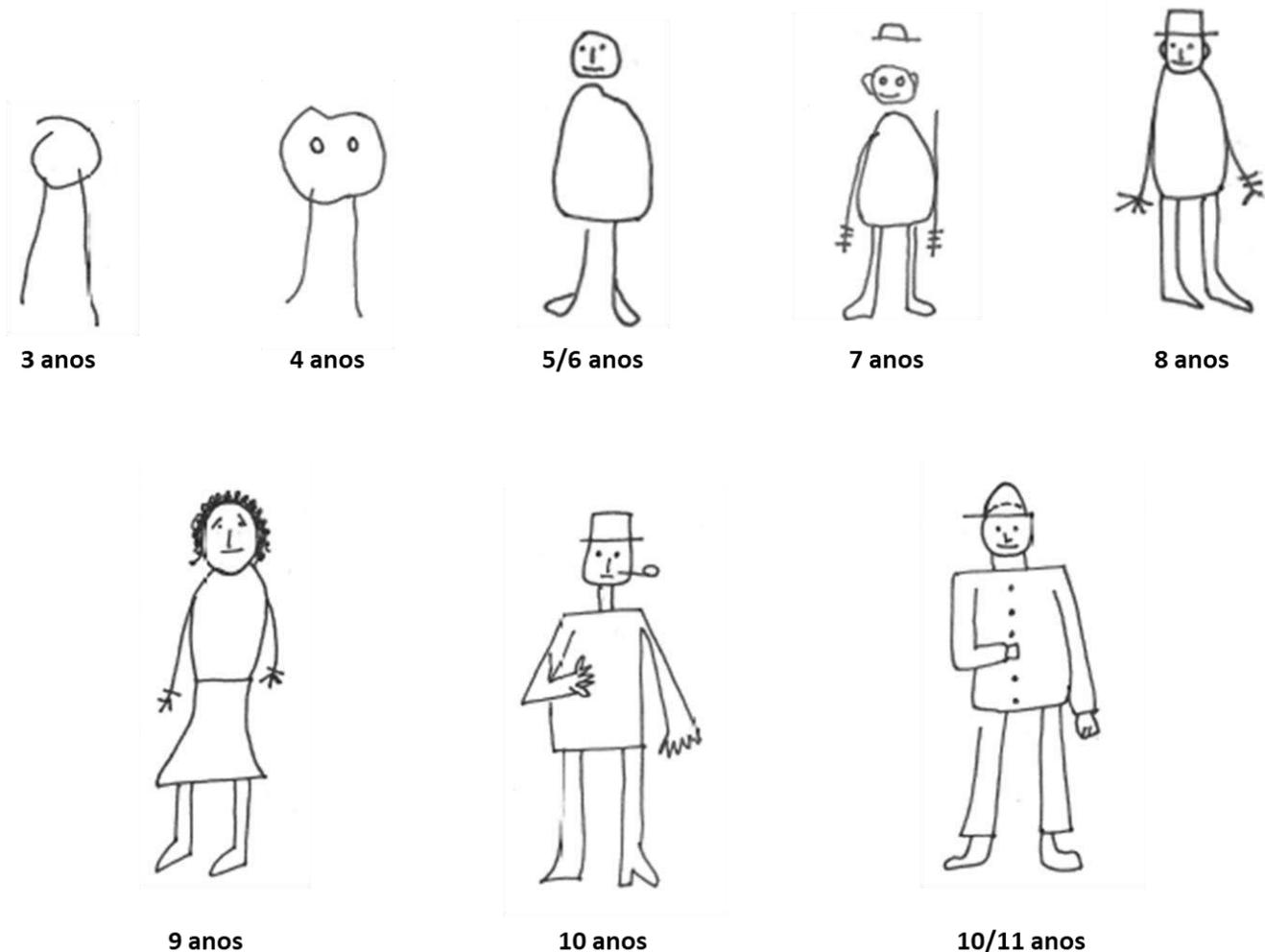


Figura 5 – Evolução típica do desenho da figura humana, baseado e adaptado de Fonseca, (2005)

Na adolescência o desenho do corpo apresenta uma diferenciação considerável podendo o nível de exatidão aproximar-se do existente na idade adulta.

Um dos desenhos que surge também muito frequentemente e de forma espontânea, é o da **família**.

Quando o analisamos há a registar:

- quais os membros da família presentes;
- dimensão dos vários membros da família;
- expressão facial de cada membro representado;
- investimento na representação de cada um deles;
- posicionamento na folha;
- proximidade / afastamento entre os vários elementos;
- presença (ou não) de relação entre os vários membros representados;
- relação da criança com os vários membros representados.

Para além das tipologias de desenhos já descritas podem surgir um conjunto de **outros temas**, habitualmente **relacionados com o quotidiano da criança**. Assim é frequente surgirem desenhos da escola, de brincadeiras com os amigos ou de situações de atividade física praticada pela criança. O desenho assemelha-se a uma narrativa: quanto mais detalhes tem, mais importante é para a criança o que quer transmitir e comunicar (Fialho, 2019). Nem sempre a qualidade gráfica permite compreender totalmente a história subjacente a cada desenho, motivo pelo qual a conversa em torno do mesmo pode ser uma preciosa ajuda na interpretação. Em qualquer das tipologias de desenho é importante observar a tónica emocional patente. Para tal, observar a expressão facial dos intervenientes, a pressão do traçado e as cores utilizadas são características de relevo. Igualmente importante é conhecer e compreender a história que a criança conta em torno da sua produção gráfica.

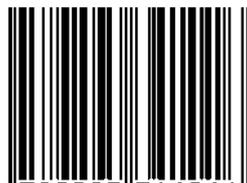
NOTA FINAL

Pelo anteriormente exposto se conclui que o desenho se desenvolve de forma gradual. A sua avaliação é um procedimento terapêutico complexo, passível de ser influenciado por múltiplas variáveis. Por conseguinte, as informações encontradas devem ser enquadradas no âmbito de uma avaliação compreensiva que inclua as diferentes esferas que contribuem para a participação e desempenho ocupacional da criança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Brito Avô, A. (2000). *O desenvolvimento da criança*. Texto editora.
- Case-Smith, J. (2015). Development of childhood occupations. In J. Case-Smith & J. O'Brien (Eds.), *Occupational Therapy for children and adolescents* (seventh edition, pp. 65–101). Elsevier.
- Faria, A. (2001). *Lateralidade - implicações no desenvolvimento infantil*. Sprint.
- Fialho, O. (2019). *Desenho infantil - espelho do mundo interno da criança*. Edições Colibri.
- Fonseca, V. da. (2005). *Desenvolvimento psicomotor e aprendizagem*. Ancora editora.
- Hartingsveldt, M. van, & Vries, L. de. (2019). *Writing readiness inventory tool in context* (Amsterdam University of Applied Sciences, Ed.).
- Papalia, D., Feldman, R., & Olds, S. (2001). *O mundo da criança* (8ª). McGrawHill.
- Pollock, N., Lockhart, J., Blowes, B., Semple, K., Webster, M., Farhat, L., Jacobson, J., Bradley, J., & Brunetti, S. (2012). *Protocolo McMaster de avaliação da escrita*. Canchild; McMaster University.

ISBN 978-989-53410-1-6



9 789895 341016